



A sabedoria cristã e o mundo do fantástico

Obras de ficção que misturam seres imaginários, magias e deuses ao cotidiano sempre existiram, mas se tornaram mais frequentes a partir do século XIX. No século XX, mundos fantásticos inundaram livrarias, cinema e TV. O Cristianismo não ficou imune: alguns autores usaram a ficção fantástica para expressar o mistério de Cristo, outros para desacreditar a fé. Hoje em dia, nós todos nos deparamos com essas fantasias cotidianamente. Por isso, este Caderno Fé e Cultura procura nos convidar a praticar o discernimento cristão sobre a ficção fantástica.



Arte: Sergio Ricciuto Conte

Aventura e Discernimento

Diego Klautau

Os enlances entre fábula e verdade são muito antigos no Cristianismo. Embora a fantasia seja uma terra muito perigosa, repleta de ídolos e tentações, a recusa de uma existência reduzida ao mundo terreno é alicerçada amiúde em parábolas e visões místicas.

A [Carta do Santo Padre Francisco sobre o Papel da Literatura na Educação](#) (2024) estimula o amadurecimento pessoal dos cristãos fundado no reino perigoso do imaginário. O documento desafia os cristãos a se envolverem no assombro e na maravilha da fantasia, pois esta é expressão de humanidade. De fato, “a literatura inspira-se na cotidianidade vivida, suas paixões e acontecimentos reais”, é um “ginásio de discernimento” no qual podemos “ouvir a voz de alguém” e “ver por meio dos olhos dos outros”. Em suma, é uma aventura nos salões da alma humana, nos quais podemos encontrar não apenas as armadilhas dos vícios, tentações e pecados, mas igualmente os tesouros

de virtudes, valores e graças divinas.

A jornada exige mapas e o discernimento é fundamental para a trilha. O juízo entre a verdade e a mentira, o acerto e o erro, o sim e o não, o real e o falso é uma exigência da fé. Jesus Cristo afirmou que é “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6) e “quem é da verdade escuta minha voz” (Jo 18,37). De início, os domínios da literatura seriam falsos porque não são descrições do que é, mas apenas fabulações que distorcem a realidade. As cartas apostólicas afirmam que devemos rejeitar “as fábulas ímpias, coisas de pessoas caducas” (1Tm 4,7), para que não desviemos “os ouvidos da verdade, orientando-os para as fábulas” (2Tm 4,4), afinal “não foi seguindo fábulas sutis” (2Pd 1,16) que encontramos a redenção de Cristo.

Todavia, Jesus Cristo recorre à poética. Suas parábolas encantam multidões. Entre tantas, lembremos do filho pródigo (Lc 15,11-32); o bom samaritano (Lc 10,29-37); a ovelha perdida (Mt 18,10-14); o joio e o trigo (Mt 13,47-50); Lázaro e o rico (Lc 16,19-31). Assim, a literatura é ad-

mitida por Jesus, e na história da cultura cristã são erigidos portões magníficos entre os muros que separam a verdade do imaginário, com relíquias de pedras preciosas, dragões terríveis, lugares mágicos, feiticeiros nefastos e armas sagradas. Os santos e místicos escreveram poemas simbólicos nos quais o diálogo contínuo com o Espírito Santo era tecido por uma gramática fantástica. Hoje, as obras literárias oferecem uma rota para os recintos misteriosos da alma. Nas fábulas, o homem concebe coisas que não foram vistas, mas fabricadas em nossa mente como realidades novas. É a distinção de Aristóteles entre o historiador e o poeta, “porque um se refere aos eventos que de fato ocorreram, enquanto o outro aos que poderiam ter acontecido” (Poética, IX, 1451b5).

O documento [Antiqua et Nova: nota sobre a relação entre a inteligência artificial e a inteligência humana](#) (2025), dos Dicastérios para Doutrina da Fé e para Cultura e Educação, adverte-nos que “o perigo não está na multiplicação das máquinas, mas no número crescente de pessoas habitua-

das, desde a infância, a desejar apenas aquilo que as máquinas podem oferecer”. Esse “reducionismo digital” ameaça aprisionar as possibilidades da alma humana às ideias restritas pelos interesses políticos e econômicos das *big techs*. Nesse caso, a poética do ódio das *fake news* é a idolatria. O influenciador digital submisso à ideologia da polarização desumanizante é o mercador das palavras expulso da pólis por Sócrates, pois “apresta simulacros e se encontra infinitamente afastado da verdade” (*República*, X, 605c).

A literatura perdura como o universo tremendo e fascinante das possibilidades do imaginário. Tendo o discernimento como guia, viajar a tais reinos é um caminho de humanização. Afinal, conforme J.R.R. Tolkien, mestre católico das terras fabulosas: “A Fantasia continua a ser um direito humano; criamos, na nossa medida e ao nosso modo derivativo, porque fomos criados; e não apenas criados, mas criados à imagem e semelhança de um Criador.”

* Doutor em Ciências da Religião pela PUC-SP, professor do Centro Universitário FEI e do Colégio Catamarã.

A Busca pelo Mistério: Entre a Fé e a Fantasia

Francisco Borba
Ribeiro Neto*

A difusão de obras fantásticas (chamadas de ficção especulativa em língua inglesa, englobando fantasia, ficção científica e horror sobrenatural) na literatura e no cinema mostram o quanto somos atraídos pelo Mistério, mas pode fazer-nos pensar que esse Mistério é apenas fruto de nossa imaginação, esvaziando a verdadeira busca religiosa.

A ascensão desse gênero pode ser compreendida como uma resposta direta às crises de uma era marcada por guerras mundiais, secularização crescente e avanço do cientificismo. A imaginação busca preencher o espaço deixado pelas promessas das várias formas de racionalismo e do progresso. Uma busca contínua por transcendência, mesmo em narrativas aparentemente seculares, revela a “angústia da criação” humana e a necessidade de respostas para perguntas existenciais que a ciência, isoladamente, não pode fornecer.

Os grandes autores cristãos de fantasia. Também os autores cristãos foram atraídos pelas possibilidades artísticas e reflexivas da literatura fantástica. Os dois casos mais conhecidos são J.R.R. Tolkien e C.S. Lewis.

O primeiro nunca desejou fazer algo como “arte engajada” ou uma representação alegórica dos conteúdos da fé. Católico romano devoto, via a criação de seu mundo fictício, a Terra Média, como um ato de “subcriação”. A obra artística, ao imaginar uma realidade fictícia, emulava o ato criativo de Deus, e a própria beleza e coerência desta obra eram um argumento para a existência de um Criador. Considerava *O Senhor dos Anéis*, “fundamentalmente religiosa e católica”, mas de forma intrínseca, sem ser alegórica.

Já C.S. Lewis adotou uma abordagem mais explícita por meio da alegoria apologética. Sua intenção era preparar o leitor para entender conceitos como sacrifício e redenção. Assim, *As Crônicas de Nárnia* seria uma “suposição” de como o Evangelho se manifestaria em outro mundo.

Tolkien, que viveu sua fé intrinsecamente, via a criação como um reflexo de uma verdade mais profunda, na qual a beleza da obra apontava para a beleza do Criador. Lewis, um ex-ateu, via a apologética como uma necessidade e usava a alegoria como uma ferramenta pedagógica.

A oposição à religião. Do lado oposto, encontram-se autores que adotaram uma postura crítica explícita à religião organizada por meio da literatura fantástica. O caso mais emble-

Vivemos em uma época de profundo fascínio pela literatura e cinema fantásticos, na qual histórias de mundos mágicos, criaturas sobrenaturais e universos alternativos capturam a imaginação de milhões. Esse fenômeno cultural reflete uma sede humana profunda pelo transcendente e pelo mistério que a modernidade secular parece ter deixado órfã. Entre as páginas de O Senhor dos Anéis e as telas de Game of Thrones, entre as salas de aula de Hogwarts e os pesadelos de Lovecraft, encontramos um território complexo onde fé e fantasia se entrelaçam, às vezes de forma harmoniosa, outras vezes em tensão. Para o cristão contemporâneo, navegar por esse universo de possibilidades narrativas exige mais do que simples aprovação ou rejeição: demanda o exercício criterioso do discernimento, capaz de reconhecer tanto as sementes de transcendência autêntica quanto os riscos de uma espiritualidade superficial ou desviada.



mático é Philip Pullman, autor da trilogia *Fronteiras do Universo* (*His Dark Materials*, no original), cujo primeiro livro foi adaptado para o cinema no filme *A Bússola de Ouro*. Pullman se autodeclara um “ateu cristão” (!?!), afirmando não ver sinais de Deus no mundo, apesar de sua formação cristã. Suas obras retratam uma estrutura religiosa autoritária como antagonista e questionam a autoridade religiosa institucional.

Frequentemente, contudo, o que parece um ataque à religião em si é um ataque a uma forma de se viver a religião. O caso mais emblemático é o de Frank Herbert. Em *Duna*, ele realiza uma desconstrução de narrativas messiânicas, critica o fanatismo e apresenta a organização religiosa determinada a dominar todo o universo. Sua obra pode ser vista como um ataque frontal à religião ou como a denúncia dos erros da humanidade ao se desviar da religião verdadeira.

Bruxos, vampiros e outros monstros. Encantamentos, superstições e bruxarias sempre foram combatidos pela Igreja. Às vezes pelo motivo errado: acreditar que uma falsa crença fosse realmente uma intervenção diabólica. Outras vezes pelo certo: ser uma ilusão que afasta as pessoas do Deus verdadeiro.

Mas, e quando essas superstições são usadas intencionalmente em tom ficcional, como acontece na série de Harry Potter, de J.K. Rowling, com os vampiros de Anne Rice (autora de *Entrevista com o Vampiro*) ou com as histórias de terror de H.P. Lovecraft? Muitas vezes, estas obras, mesmo que de forma não intencional, banalizam o sagrado, fazendo-o parecer mero produto da imaginação humana. Nesse sentido, as obras de Lovecraft, um ateu declarado que mostrava o terror que se esconde por trás do Mistério na ausência de Deus, pode não resultar tão corrosivas à seriedade dos conceitos religiosos quanto as de Neil

Gaiman, autor da série *Sandman*, que mistura elementos cristãos, como anjos e demônios, com personagens mitológicos e de contos de fadas...

E quando essas histórias apresentam valores que são opostos àqueles vivenciados pelas comunidades cristãs, seja por conteúdos erotizados (como se viu na série televisiva de *Game of Thrones*), famílias disfuncionais (cada vez mais comuns no cinema e na TV) ou o elogio à violência e ao punitivismo justiceiro (frequente entre super-heróis)?

Não se pode dizer que isso não possa representar um problema, particularmente para crianças e jovens em formação, mas também não se pode imaginar ameaças onde não existem... Os dois extremos só potencializam os problemas.

O caminho do discernimento. A rejeição automática das obras de fantasia não representa um juízo cristão maduro. Não permite reconhecer o que de bom existe nelas e muitas vezes estimula a curiosidade e até a crítica destrutiva dos valores da fé. É necessário entender, em primeiro lugar, que representam uma provocação, no sentido positivo do termo, para mergulharmos mais a fundo no sentido do fenômeno religioso para cada um de nós. São obras que se alimentam do nosso fascínio pelo Mistério do mundo e de nossos questionamentos sobre as diferentes respostas religiosas a este Mistério – dúvidas e inquietações que residem no coração humano e merecem resposta honesta.

A questão central do discernimento cristão, contudo, não reside em uma comparação intelectual entre a mensagem católica e o conteúdo destas obras, mas sim na correspondência entre a visão de Deus e da religião apresentada nelas e aquela encontrada na vida real. Uma pessoa com uma justa vivência cristã facilmente reconhecerá os limites da ficção quando esta apresenta um mundo incongruente com sua experiência genuína do divino e da vida eclesial.

O perigo surge quando obras de ficção amplificam problemas reais, parecendo refletir e aprofundar contradições e decepções que a pessoa encontra em sua vivência religiosa cotidiana. Nesses casos, a literatura pode catalisar uma crise de fé e estimular a descrença. Mas, nessas situações, pouco adianta criticar as obras ficcionais: a solução real é nos ajudarmos mutuamente a viver uma experiência sempre mais verdadeira e plena do encontro com Cristo – pois é nesse encontro, e não na reflexão abstrata, que nós e nossos irmãos poderemos descobrir aquilo que realmente corresponde ao coração humano.

* Editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania do O SÃO PAULO.

Fuga do desertor ou escapada do prisioneiro?

O despertar da autoconsciência no mundo fantástico de Tolkien

Luana Maíra Rufino
Alves da Silva*

J. R. R. Tolkien considerava que a Fantasia nos tempos modernos é a forma mais sublime de Arte, a única capaz de despertar a autoconsciência do leitor de um modo inteiramente novo. Para ele, “a Fantasia é, creio, não uma forma inferior, mas superior de Arte, de fato, a forma mais próxima de ser pura e, portanto (quando alcançada), a mais potente”. Outros autores de mitos fantásticos reverberaram esse pensamento, como C. S. Lewis, que afirma que existem verdades apenas reveladas por meio de histórias, ou Ursula Le Guin que defende o uso da fantasia como uma tarefa extremamente humana (e até mesmo um dever) no mundo moderno: “a Fantasia é escapista e essa é a sua Glória. Se o soldado está aprisionado pelo inimigo, não consideramos seu dever escapar? Se valorizamos a Liberdade de mente e de espírito, então, nosso maior dever é escapar e trazer

A Fantasia não pode ser uma fuga da realidade, uma deserção, mas sim um instrumento que nos ajuda a entrar mais dentro da realidade. Ela permite que o prisioneiro se liberte dos grilhões que o prendem cotidianamente, para, por um momento, ver melhor a realidade, sem nenhuma amarra, livre.

conosco o máximo de pessoas que conseguirmos”.

Para Tolkien, o fato de a Fantasia ser tão diferente e distante do mundo real não é um mal, mas é o seu maior bem: “A Fantasia, é claro, começa com uma vantagem: uma estranheza arrebatadora”. Isso porque quanto mais diferente do mundo real, então, mais o leitor se torna livre ao se deparar com o mito fantástico, sem nenhuma opinião ou conceito pré-concebido. Ou seja, o leitor entra na história sem preconceitos, muito mais aberto à realidade que lhe está sendo apresentada e, com isso, sem tentar controlar ou impor um resultado determinado. Por isso, a Literatura fantástica se torna local de acesso privilegiado à mente e, mais especificamente, ao coração do ser humano.

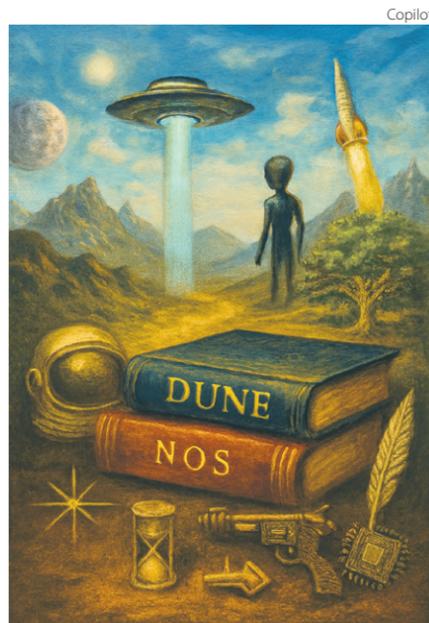
Nesse sentido, depreende-se a outra grande vantagem da Fantasia: “ser totalmente um fim em si mesma”. As obras de Tolkien não são usadas como instrumentos para se chegar/afirmar determinada ideia, mas, ao contrário, para Tolkien a fantasia é totalmente um fim em si mesma. Logo, não é uma ferramenta para dizer algo, tem seu próprio valor. Isso é de fundamental importância porque nos liberta da tentação de usar a Arte de forma maniqueísta, isto é, de fazer uso da arte para impor algo que já sabemos, já vivemos, uma doutrina, uma maneira de fazer as coisas, um pensamento que, então, aplicamos e transformamos artificialmente em algo que reflete esse pensamento; o que condiciona o imaginário do leitor a uma visão de mundo pré-defi-

nida. Em vez disso, o que Tolkien faz é exatamente o oposto. O ponto de partida não é a ideia, o pensamento, o conhecimento, a doutrina, mas é o detalhe, o particular, a história individual, a aventura inesperada, a fonte, a semente, o coração. E indo ao fundo disso é assim que se chega à verdade, de forma inteiramente livre. Portanto, não é uma posse intelectual ou uma tentativa de impor determinada perspectiva ao leitor, mas sim é a arte gratuita para Tolkien. E é precisamente por sua gratuidade – cifra da ação de Deus – que se pode surgir algo de verdadeiro. E termino com este trecho de J. R. R. Tolkien:

“A Fantasia continua a ser um direito humano; criamos, na nossa medida e ao nosso modo derivativo, porque fomos criados; e não apenas criados, mas criados à imagem e semelhança de um Criador.” [*Tree and Leaf, including Mythopoeia*]

* Doutora em Economia da Cultura, Mestre pelo PPGE/UFRJ, e MPP (Master of Public Policy) pela ENAP e Columbia University/Columbia Global Centers.

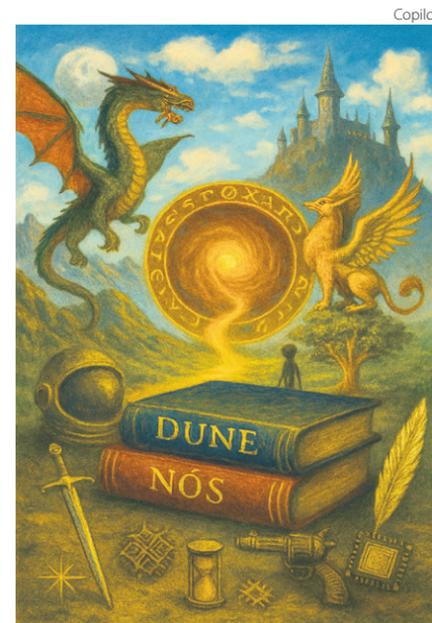
Literatura fantástica e imaginário cristão no mercado editorial brasileiro



Redação

A relação dos autores de fantasia com o imaginário cristão é muito diversa. O quadro abaixo procura ordenar essa relação para as obras mais conhecidas no Brasil. Na maioria dos casos, não existe uma intenção explícita do autor em relação à religião. As obras são escritas visando ao entretenimento, apesar de refletirem a visão de mundo do autor. Muitas vezes, isso leva a uma simbologia tipicamente cristã, como a ideia de sacrifício seja em *O Senhor dos Anéis*, seja em *Harry Potter* – ainda que com uma consciência muito diversa do valor destes símbolos. Obras como *Game*

of Thrones, por exemplo, refletem uma ideia, comum em nossos tempos, de que o poder se sobrepõe a qualquer critério ético, e exploram ao máximo seus elementos eróticos. Em poucos casos, os autores se propõem a uma crítica explícita à fé, como acontece nos casos de Isaac Asimov e Philip Pullman. O sucesso editorial frequentemente vem associado à realização de longas-metragens ou séries baseadas nas obras. Um caso interessante, no Brasil, é a série *Percy Jackson*, uma obra de fácil leitura e que recebeu uma grande campanha de marketing, aproximando-se ou superando as vendas de obras mais conhecidas, como *O Senhor dos Anéis* e *As crônicas de Gelo e Fogo (Game of thrones)*.



Dados de venda compilados a partir de Inteligência Artificial

Nome da Série (Editora atual, Número de volumes)	Autor (Nascimento/Morte)	Cópias vendidas no Brasil (nº estimado)
OBRAS COM UMA COSMOVISÃO CRISTÃ EXPLÍCITA		
<i>O Senhor dos Anéis</i> (HarperCollins Brasil, 1 trilogia + 1 livro + obras póstumas)	J.R.R. Tolkien (1892 – 1973)	+5-7 milhões
<i>As Crônicas de Nárnia</i> (HarperCollins Brasil / Thomas Nelson Brasil, 7 livros)	C.S. Lewis (1898 – 1963)	+3-5 milhões
OBRAS QUE EXPLORAM ELEMENTOS DA COSMOVISÃO CRISTÃ, SEM O COMPROMISSO DE FIDELIDADE AO CRISTIANISMO		
<i>Harry Potter</i> (Rocco, 7 livros principais + <i>spin-offs</i>)	J.K. Rowling (1965)	+10 milhões
<i>Crepúsculo</i> (Intrínseca, 4 livros principais + <i>spin-offs</i>)	Stephenie Meyer (1973)	+2 milhões
OBRAS QUE APRESENTAM ELEMENTOS RELIGIOSOS OU MITOLÓGICOS NA CONSTRUÇÃO DE SEU UNIVERSO IMAGINÁRIO		
<i>Percy Jackson e os Olimpianos</i> (Intrínseca, 5 livros principais + sequências)	Rick Riordan (1964)	+7 milhões
<i>Jogos Vorazes</i> (Rocco, 3 livros principais + prequela e <i>spin-offs</i>)	Suzanne Collins (1962)	+1.5-2 milhões
<i>O Emyrean</i> (Planeta Minotauro, 2 livros até o momento + 3 planejados)	Rebecca Yarros (1981)	+800 mil-1 milhão
<i>The Witcher</i> (WMF Martins Fontes, 8 livros)	Andrzej Sapkowski (1948)	+1 milhão
<i>A Crônica do Matador do Rei</i> (Editora Arqueiro, 2 livros publicados + contos)	Patrick Rothfuss (1973)	+1 milhão
OBRAS QUE QUESTIONAM OU SE CONTRAPÕEM A UMA VISÃO CRISTÃ DO MUNDO, SEJA POR ASPECTOS RELIGIOSOS, SEJA POR ASPECTOS MORAIS		
<i>Duna</i> (Aleph, 6 livros principais de Frank Herbert + obras de Brian Herbert)	Frank Herbert (1920 – 1986)	+2-3 milhões
<i>As Crônicas de Gelo e Fogo</i> (Suma, 5 livros publicados de 7 planejados)	George R.R. Martin (1948)	+1.5 milhão
<i>Fundação</i> (Aleph, 7 livros principais)	Isaac Asimov (1920 – 1992)	+500-700 mil
<i>Fronteiras do Universo</i> (Objetiva/Suma, 3 livros)	Philip Pullman (1946)	Não disponível

Por que Harry Potter ainda gera polêmicas na Igreja?

Maria Clara Vieira
Rousseau*

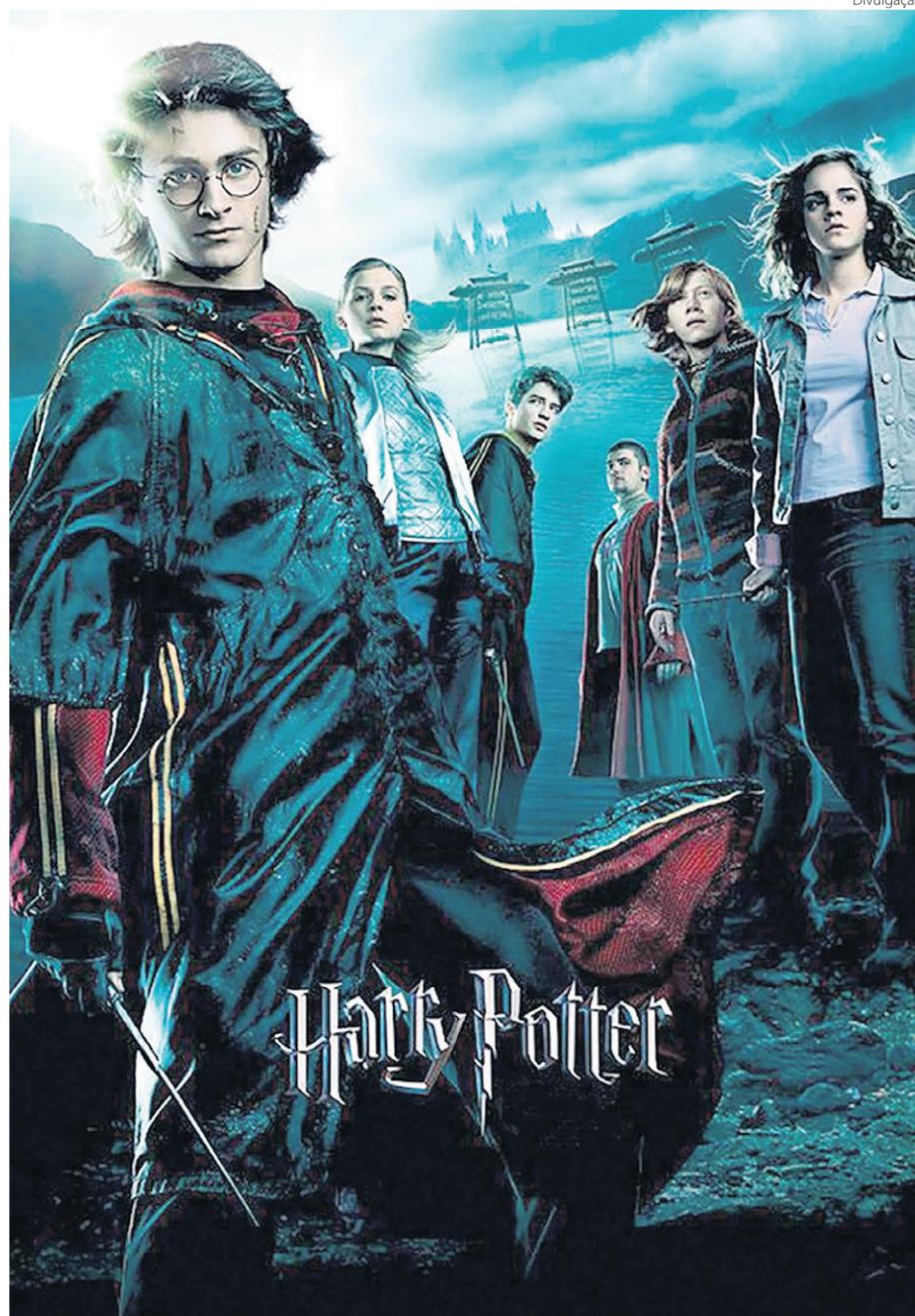
Lembro de quando *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkabhan* chegou aos cinemas, nas férias de julho de 2004. Não se falava em outra coisa na quarta série e, do alto dos meus 9 anos, eu sofria só. Quase conseguia ouvir a voz da minha mãe, já falecida: não era coisa boa, o Harry. Havia bruxos, magia e coisas contrárias à fé. Não convinha a uma menina católica. Duas décadas se passaram desde as tardes em que eu ouvia nomes engraçados de feitiços e criaturas no recreio sem entender do que se tratavam, e, se tivesse uma máquina do tempo à disposição, viajaria para dizer àquela menina que nunca esteve sozinha. Ainda hoje, não estaria.

Em junho de 2027, serão completados trinta anos desde que *Harry Potter e a Pedra Filosofal* chegou às livrarias. Desde o seu lançamento literário, passando pela chegada aos cinemas à criação de uma das franquias de maior sucesso da cultura pop, o universo mágico criado pela britânica J. K. Rowling nunca deixou de ser alvo de controvérsias entre os católicos. Uma busca pelo nome do famoso bruxinho em meios religiosos dá a dimensão da celeuma: há muito dito sobre o assunto. É certo que, dentro da geração que aprendeu a gostar de ler com Harry Potter, há um subgrupo de “filhos de pais católicos, proibidos de ler Harry Potter”, população esta que eu acreditava ter sido extinta com a popularização da saga. Ledo engano, e tomando ciência da continuidade da discussão, decidi investigar suas raízes no que me rendeu uma dissertação de mestrado. Incapaz de ditar critérios para que se leia uma ou outra coisa, espero, nas próximas linhas, oferecer as reflexões resultantes de um trabalho dedicado à minha mãe, que não gostava de Harry Potter, e aos meus filhos, os quais espero que gostem como eu.

Uma perversão dos símbolos cristãos? Tratem-se de partida de uma das objeções mais comuns à série: o comentário de que “padres exorcistas alertaram contra Harry Potter”. A questão é que padres exorcistas, como quaisquer outros padres, têm opiniões diferentes: trata-se de uma divergência natural à Igreja no que tange a questões não dogmáticas. O *Catecismo* afirma que o demônio existe e age sobre o mundo para tentar as almas e afastá-las de Deus, sem tecer grandes considerações sobre como se dá essa ação. Veda, também, a prática da magia e da adivinhação, menos como coisas capazes de invocar presenças malignas, e mais como frutos da desconfiança. Nada é dito sobre a leitura de livros de ficção que contenham elementos tidos como pagãos.

Ocorre que a literatura em si mesma é coisa séria, podemos afirmá-lo tomando exemplos da história da Igreja:

O universo de Harry Potter é um dos maiores fenômenos da cultura pop, mas também um constante ponto de debate na comunidade católica. Mas o que a Igreja realmente diz sobre a literatura fantástica? Vale a pena entender essas polêmicas a partir de alguém que as vivenciou na sua infância e juventude. Vivida integralmente, é a experiência da fé que interpreta o mundo – e não o contrário...



ja: no século IV, São Basílio Magno ensinava que mesmo a literatura pagã, ao ilustrar os dilemas humanos, pode ser uma via de contemplação da Verdade. Referenciando o Bispo de Cesareia, o Papa Francisco confirmou, em sua carta sobre o papel da literatura na educação, que “a literatura amplia a experiência humana e abre horizontes de sentido, porque nela ressoam perguntas e esperanças universais, capazes de preparar o coração para a fé”. Não à toa, homens como J. R. R. Tolkien e G. K. Chesterton atribuíram à própria literatura um caráter mágico, assombroso, que escapa às nossas parcas pretensões de controle...

Por esse prisma, há quem acuse a literatura de J. K. Rowling de perverter símbolos cristãos e corromper a linguagem. O argumento é que a escritora teria empregado símbolos como a morte e a ressurreição, esvaziando-os de seu sentido cristão original e transplantando-os para uma narrativa mágica e secularizada. Assim, elementos que deveriam

remeter a Cristo são “deturpados” ao aparecerem em um universo de bruxaria. Mais recentemente, há quem interprete a saga como promotora de uma agenda esotérica e liberal-progredista, pela forma como naturaliza a bruxaria, relativiza símbolos religiosos e reforça noções de autonomia individual e oposição a estruturas de autoridade tradicionais.

E se a Verdade insistir em se manifestar mesmo quando não chamada? Por outro lado, há quem veja no universo mágico de Harry Potter precisamente o tipo de Bem, de ordem e de sacrifício que só se torna visível quando a imaginação é educada a reconhecer a beleza e a verdade. A história, nesse olhar, não é sobre a exaltação da magia, mas sobre a vitória do amor, da lealdade e da entrega pessoal sobre o egoísmo e a busca pelo poder. Pode-se encontrar excelentes defesas da obra de J. K. Rowling em edições antigas da *Communio*, revista fundada pelo então Cardeal Joseph

Ratzinger, além de muitos outros depoimentos de grandes sacerdotes, catequistas e críticos culturais.

Confesso minha predileção pela segunda alternativa, e tenho especial carinho pela tratativa dada à morte, do primeiro ao último livro. Já em *A Pedra Filosofal*, o diretor Dumbledore ensina a Harry que a morte é “a grande aventura seguinte”, contrapondo-a à obsessão humana pela imortalidade, que encontra sua forma mais extrema em Voldemort. No afã de escapar da morte, o vilão mutila a própria alma, tornando-se desfigurado moral e fisicamente. A lenda das Relíquias da Morte que dão título ao último livro reforça o mesmo ensinamento: aqueles que tentam dominar a morte caem em desgraça, enquanto quem a acolhe vive em paz.

Preciso dizer que, a despeito de meu pendor pelas interpretações amigáveis à saga, elas nunca me convenceram por completo. Não foram os “valores cristãos” que me fizeram gostar do Harry, e foi com o auxílio do filósofo Jacques Maritain que rabisquei minha própria terceira via. Fincado em São Tomás de Aquino, Maritain distingue entre o “agir”, voltado ao bem moral e ordenado pela prudência, e o “fazer”, voltado ao bem da obra, que é o campo da arte. A literatura não deve ser avaliada primeiro por seu efeito moral ou por intenções políticas, mas por sua fidelidade ao bem interno da própria obra: coerência, verdade interna, beleza. Para ele, a arte possui regras próprias, e tudo o que a submete a critérios externos a deturpa. Quando permanece fiel a si mesma, porém, é capaz de refletir algo maior do que o próprio artista: um lampejo da Verdade, mesmo sem que o autor o tenha pretendido.

Se Rowling estivesse tentando nos dar uma mera aula de catequese ou disseminar um panfleto ideológico, o Harry não teria toda sua graça: e que o comprovem as obras contemporâneas obcecadas ora em dissuadir-nos da agenda “woke”, ora do imperativo de salvar a civilização ocidental, todas fadadas a circulares entre pares, em nossa crescente Torre de Babel. Nada impede, contudo, que façamos conjecturas: foi a própria autora quem disse que os dois versículos bíblicos citados na série “resumem toda a história”: o primeiro, na lápide da irmã falecida do poderoso diretor, “onde estiver o vosso tesouro, aí estará o vosso coração”. O segundo, no túmulo dos pais do próprio Harry, em uma cena que sempre me leva às lágrimas: “o último inimigo a ser derrotado é a morte”. As precisas intenções de Rowling só serão conhecidas à luz da Verdade; entre seus frutos, porém, será contada a conquista de um coração de criança para a leitura e para a esperança de um esperado reencontro. Nisso, por si só, há algo de mágico.

* Jornalista e mestre em Ciências da Religião. Foi repórter da *VEJA* e editora da *Gazeta do Povo*, é hoje diretora de comunicação da ONG *Family Talks*.